A TRADUÇÃO E A FORMAÇÃO DE IDENTIDADES CULTURAIS:
UMA CONTRIBUIÇÃO BRASILEIRA AOS OBJETIVOS DO
DESENVOLVIMENTO DO MILÊNIO - ACABAR COM A FOME E A MISÉRIA

*TRANSLATION AND THE FORMATION OF CULTURAL IDENTITIES:
A BRAZILIAN CONTRIBUTION TO THE MILLENNIUM DEVELOPMENT GOALS -
ERADICATE HUNGER AND EXTREME POVERTY*

Gisele NOCEⁱ
Mestranda em Estudos da Tradução (POSTRAD)
Universidade de Brasília
Brasília, Distrito Federal, Brasil
noce.gisele@gmail.com

Resumo: Este artigo examina a influência da tradução na formação de identidades culturais, conforme texto de Lawrence Venuti, no qual ele explica o processo da tradução e seus efeitos, a representação de culturas estrangeiras e a criação de sujeitos domésticos, bem como argumenta sobre a ética da tradução, sob a perspectiva do etnocentrismo. Com base nos ensinamentos de Venuti, apresenta-se o exemplo da influência de alguns textos brasileiros na terminologia internacional referente ao primeiro dos oito Objetivos de Desenvolvimento do Milênio - “acabar com a fome e a miséria”. A ênfase do artigo está, principalmente, na influência que a tradução pode exercer sobre identidades coletivas quando é autorizada e sustentada por instituições. Ademais, constata-se, sob perspectiva contrastiva ao texto de Venuti, que na Presidência da República Federativa do Brasil o tradutor não escolhe os textos a traduzir e as traduções publicadas pela instituição não mencionam sua autoria.

Palavras-chave: tradução institucional; Presidência da República Federativa do Brasil; identidades culturais; domesticação; Lawrence Venuti.

Abstract: This article examines the influence of the translation in the formation of cultural identities, following a text of Lawrence Venuti, in which he explains the process of translation and its effects, the representation of foreign cultures and the creation of domestic subjects, and argues on the ethics of translation under the ethnocentric perspective. Based on the teachings of Venuti, this paper presents the example of the influence of some Brazilian texts in international terminology referring to the first of the eight Millennium Development Goals - “eradicate hunger and extreme poverty.” The emphasis of the article is mainly on the influence that translation can have in collective identities, when it is authorized and supported by institutions. Moreover, it ascertains, under a contrastive perspective to the Venuti’s text, that in the Presidency of the Federative Republic of Brazil the translator does not choose the texts to be translated, and translations published by that institution do not mention their authorship.

Keywords: institutional translation; Presidency of the Federative Republic of Brazil; cultural identities; domestication; Lawrence Venuti.

O processo da tradução e seus efeitos

Em seu texto “A tradução e a formação de identidades culturais”, Lawrence Venuti (1998a) preconiza que o processo da tradução contém um paradoxo, que ele chama de duplo

NOCE. *A tradução e a formação de identidades culturais: Uma contribuição brasileira aos objetivos do desenvolvimento do milênio – acabar com a fome e a miséria*. Belas Infêis, v. 5, n. 2, p. 19-30, 2016.

vínculo, percebido ao analisar-se a produção, a distribuição e a recepção da tradução. É a existência de aspectos antagônicos que, simultaneamente, permeiam a tradução: a necessidade de traduzir o texto e a impossibilidade de manter o caráter estrangeiro do texto intocado.

O objetivo do tradutor é comunicar um texto estrangeiro. Ele se vale da noção de equivalência ao interpretar forma e conteúdo estrangeiros durante a produção da tradução. Essa interpretação sofre influência de fatores domésticos: o conhecimento que o tradutor tem da língua e da cultura estrangeiras, bem como a relação que ele trava com a língua e a cultura domésticas. A comunicação desejada só é atingida quando o texto deixa de ser totalmente estrangeiro e se torna compreensível de forma doméstica, porque lhe foram acrescentadas características da língua e da cultura da tradução, para alcançar grupos domésticos específicos. Isso é a inevitável domesticação do texto original. A tradução se nutre desse paradoxo.

Para Venuti (1998a), o processo de tradução ocorre da seguinte maneira:

- **Passo 1:** Escolher o texto. A seleção de um texto para traduzir implica a rejeição de outros textos. Quem escolhe o texto? A serviço de que e/ou de quem aquele texto é o escolhido? O texto é escolhido para atender interesses particulares de grupos de pessoas e padrões domésticos específicos.
- **Passo 2:** Aplicar estratégias de tradução. A tradução de um texto estrangeiro exige estratégias para que possa alcançar o objetivo de comunicar. As estratégias são escolhidas pelo tradutor, que, ao escolher umas, rejeita outras. Ao reescrever o texto, o tradutor enfoca certos valores, discursos, dialetos domésticos em detrimento de outros. O discurso doméstico é empregado para que o texto se torne inteligível ao público-alvo.
- **Passo 3:** Publicar, criticar, revisar, ler, ensinar o texto traduzido. As formas como a tradução é publicada, criticada, revisada, lida e ensinada produzem efeitos culturais e políticos que são influenciados pelos contextos sociais, econômicos e culturais nos quais ela é difundida.

Conforme Venuti (1998a), o efeito mais importante causado pelo processo tradutório descrito acima é a formação de identidades culturais, pois ele cria padrões ou cânones

adaptados aos valores domésticos, peculiares a uma determinada época, diferentes daqueles habituais na língua estrangeira.

Esses valores apontam as exclusões e as admissões feitas durante o processo tradutório, que são diferentes daquelas feitas na língua do texto original.

Essa seleção doméstica (aliada às estratégias tradutórias/discursivas) pode:

- deslocar a literatura estrangeira de sua própria história, afastando-a das tradições que lhe dão significado;
- criar estereótipos de países e culturas estrangeiras - estereótipos que seguem valores e agendas domésticas;
- formar atitudes domésticas voltadas a estigmatizar ou valorizar etnias, raças, nacionalidades;
- ser um instrumento para fomentar respeito ou ódio por povos e culturas estrangeiros;
- modificar ou consolidar padrões e paradigmas literários, conceituais, metodológicos, clínicos, comerciais da cultura doméstica;
- criar efeitos conservadores ou subversivos - auxiliar a definir posicionamento de sujeitos domésticos relativamente ao tema tratado.

21

A recepção da tradução é influenciada também pelos seguintes fatores:

- aspecto iconográfico da edição da tradução impressa;
- publicidade feita em torno dela;
- opinião de resenhadores e críticos;
- usos da tradução em instituições;
- modo como a tradução é lida e ensinada.

A presença da tradução na cultura doméstica colabora para a formação de identidades culturais. Dois efeitos dessa formação ocorrem ao mesmo tempo. A tradução constrói uma representação doméstica, uma visão da cultura estrangeira e, simultaneamente, constrói um sujeito doméstico, com posição ideológica delimitada por padrões, interesses e agendas de grupos sociais domésticos.

Um texto e uma estratégia escolhidos calculadamente para uma tradução podem influenciar a modificação da hierarquia de valores de um grupo cultural específico. Podem também reforçar ou superar limites impostos por instituições como a igreja, o estado ou a escola.

A representação de culturas estrangeiras

Para explicar a construção da representação doméstica de cultura estrangeira, Venuti (1998a) traz o exemplo de um estudo feito por John Jones (1980), especialista em letras clássicas, em 1962, no qual este revisa a tradução consagrada de um tratado escrito por Aristóteles, provavelmente entre 335 a.C. e 323 a.C., intitulado “Poética”, do grego ao inglês, feita por Ingram Bywater, em 1909 (ARISTOTLE, 1920). O exemplo ao qual Jones se atém ocorre na passagem em que Aristóteles discute a *hamartia*, que significa “erro de julgamento feito pelos personagens da tragédia”. Bywater traduziu da seguinte maneira:

	EM GREGO	EM INGLÊS
22	homens bons	<i>a good man</i> (um homem bom)
	homens maus	<i>a bad man</i> (um homem mau)
	a mudança da fortuna	<i>the change in the hero's fortunes</i> (a mudança da fortuna do herói)
	estar prestes a fazer	<i>intending to kill</i> (com a intenção de matar)

No conceito aristotélico da tragédia, a ênfase está na ação/situação. Na tradução da “Poética”, feita por Bywater, influenciada pelo molde psicológico e romântico do individualismo, a ênfase está no herói e na resposta emocional da plateia. A longa dominação da abordagem individualista, centrada no herói, então existente no mundo acadêmico, ocorre porque o tradutor faz escolhas lexicais calculadas. Assim, segundo Jones (1980), nas discrepâncias citadas não há “erro de tradução”, mas um trabalho ideológico do tradutor, para simplificar o significado do texto de Aristóteles. No entanto, essa simplificação torna o texto anacrônico, modernizando-o, introduzindo intencionalmente um teor trágico, secreto, interior, levando o leitor da tradução a imaginar que a ação parte de um foco solitário de consciência, com introspecção. Para Jones, a subjetividade do herói é determinada pela situação, e não é autodeterminada, como sugere a tradução de Bywater (ARISTOTLE, 1920).

Com esse estudo, Jones (1980) demonstra que até mesmo traduções acadêmicas constroem representações domésticas de textos e culturas estrangeiros. Ao estudar o caso, Jones também traduziu o texto. Por conseguinte, ele também construiu uma representação doméstica. No entanto, o conceito de “subjetividade determinada” que Jones apresenta, conceito esse elaborado por filósofos como Heidegger (alemão) e Sartre (francês) e aceito internacionalmente por meio de traduções, aponta para um pensamento existencialista, que o levou a desenvolver um método interdisciplinar, sociológico e antropológico de leitura de textos clássicos na academia.

O estudo de Jones (1980) estabelece um novo pensar acadêmico porque encontra argumentos críticos, traz uma revisão disciplinar, importa valores culturais de outras disciplinas e porque reflete uma forte corrente cultural posterior à Segunda Guerra Mundial: o existencialismo. As traduções de Jones ganharam autoridade institucional e influenciaram a crítica e a pesquisa em outras áreas da literatura clássica.

Venuti (1998a) observa que uma representação doméstica de texto e cultura estrangeiros construída dentro de uma instituição acadêmica pode alterar a linha de pensamento desta, pois as fronteiras das disciplinas entre si e das disciplinas com a instituição são permeáveis. O intercâmbio de valores culturais pode ocorrer também entre instituições. A academia pode, por exemplo, influenciar a indústria editorial quanto à natureza e o volume de traduções lançadas. A academia estabelece um cânone de textos estrangeiros a serem traduzidos, escolhendo alguns textos em detrimento de outros, e os textos selecionados estão a serviço de interesses de um grupo doméstico específico.

Outro exemplo de representação doméstica de texto e cultura estrangeiros é a tradução da ficção japonesa moderna para o inglês. Segundo os estudos de Edward Fowler (1992), nos anos 1950 e 1960, algumas editoras norte-americanas publicaram traduções de literatura ficcional japonesa, principalmente dos escritores Junichiro Tanizaki, Yasunari Kawabata e Yukio Mishima. Fizeram escolhas restritivas, formando um estereótipo cultural do romance japonês como evasivo, obscuro, inconclusivo, delicado, taciturno e melancólico, constituindo uma imagem nostálgica de um passado perdido. Esse cânone influenciou, durante mais de quarenta anos, a expectativa de leitores de língua inglesa e também de outras línguas, pois as traduções dos romances japoneses para outras línguas europeias foram feitas a partir da tradução para o inglês.

Ocorre que quem escolheu os textos e os traduziu foram professores universitários associados a editoras comerciais, todos com interesses literários, etnográficos e econômicos. A escolha dos textos foi marcada por um encontro com representantes do Japão, cujo tema foi a Segunda Guerra Mundial. O cânone por eles ali estabelecido intencionalmente inverteu a imagem do país: antes da guerra, o Japão era um país belicamente perigoso e ameaçador; depois da guerra, os romances relatam um país que lamentava as mudanças sociais trazidas pelo conflito militar e pela influência ocidental, sendo estigmatizado como uma terra nostálgica, exótica e sofisticadamente estrangeira.

Essa mudança de estereótipo estava a serviço da necessidade dos Estados Unidos obterem apoio doméstico para reavivar as boas relações diplomáticas com o Japão, que durante a Segunda Guerra Mundial fora inimigo. Era necessário reformular o estereótipo do povo japonês para poder conter o expansionismo soviético no oriente.

Segundo Venuti (1998a), isso prova que até mesmo quando projetos de tradução refletem interesses de um grupo cultural representativo específico, a imagem resultante da cultura estrangeira pode alcançar abrangência nacional e influenciar comportamentos que afetam relações internacionais. A familiaridade com essa literatura foi o marco do gosto literário erudito e discriminador, garantido pela academia.

Durante os anos 1970 e 1980 não há mudança no cânone e o volume de traduções do japonês para o inglês diminui. No final dos anos 1980, tem início o questionamento desse cânone, por parte de novos escritores e leitores de língua inglesa. Alfred Birnbaum, em 1991, edita uma antologia (*Monkey brain sushi*), de autores nascidos e criados no Japão do pós-guerra e americanizado, numa editora não associada a universidades, desafia o cânone acadêmico e atinge um público maior de língua inglesa. Com a publicação da antologia *New japanese voices*, de Helen Mitsios (poeta e editora canadense), e do livro *Kitchen*, de Banana Yoshimoto (pseudônimo da escritora japonesa Mahoto Yoshimoto), o cânone da ficção japonesa se modifica e atinge um público “semi-intelectual”, diferente da elite acadêmica que selecionava os textos anteriormente. O novo estereótipo exhibe uma cultura japonesa americanizada, jovem, cheia de energia, que revela a ascendência econômica do Japão sobre outros países. Segundo Venuti, a nova imagem aponta para o poder econômico japonês influenciado pela dominação cultural americana, cujo efeito recai sobre uma população de japoneses importadores da linguagem ocidental.

A criação de sujeitos domésticos

Segundo Venuti, há projetos de tradução literária que têm a intenção clara de formar identidades culturais e literaturas domésticas através da apropriação de textos estrangeiros.

Ele cita o exemplo das traduções de poemas do italiano Guido Cavalcanti, feitas por Ezra Pound, que sustentam a linguagem poética modernista. Pound torna-se rival de tradutores vitorianos de poemas, como Dante Gabriel Rossetti, que criara cânones literários, e cria seu renome. Assim, a tradução se converte em instrumento de construção de identidade autoral, discursiva e psicológica, aberta a interpretação psicanalítica.

Na Alemanha, Goethe descreveu o mecanismo especular de formação de um sujeito doméstico por meio da tradução, relativamente à literatura nacional. O espelhamento ou o autorreconhecimento ocorre quando o leitor identifica valores domésticos no texto estrangeiro traduzido, porque eles estão inscritos ali através de uma estratégia. O sujeito doméstico se reconhece no texto porque identifica recursos e ideais, dominantes ou em ascensão, projetados pela tradução. A literatura estrangeira pode servir como anteparo para a projeção especular da imagem da literatura nacional, mas o sujeito construído pela pauta nacionalista da tradução se acomoda a uma posição ideológica, a valores, crenças e representações que promovem interesses de grupos sociais específicos, como os intelectuais, os religiosos, os acadêmicos ou os institucionais (VENUTI, 1998b, p. 78).

Para esclarecer o quanto uma tradução pode acarretar mudança social, Venuti (1998a) traz o exemplo da versão grega do Antigo Testamento, conhecida como “A Bíblia dos Setenta” (Septuaginta), que data do século III a.C. Durante seis séculos, a Bíblia dos Setenta permanece como fonte para as traduções latinas.

O padre Jerônimo (Eusebius Sophronius Hieronymus, ou Jerônimo de Strídon) decide traduzir o Antigo Testamento diretamente do hebraico, mas Agostinho, bispo de Hipona (hoje Annaba, na Argélia), teme que a estabilidade institucional e a consistência ideológica da Igreja fossem abaladas por causa das diferenças entre as traduções. A Bíblia dos Setenta havia formado identidades cristãs, os membros das congregações se reconheciam como cristãos com base em uma tradução que lhes era familiar, enraizada e lida por muitas gerações. O uso repetido da versão grega e da tradução latina baseada na Bíblia dos Setenta colaborou no processo de formação de identidade cultural e religiosa cristã.

Jerônimo insiste em traduzir o Antigo Testamento diretamente do hebraico porque é homem culto, de gosto refinado, apreciador dos méritos estéticos de obras escritas em línguas

estrangeiras. Ele descobre omissões e expansões na versão grega e a julga inadequada, pois essas inconsistências refletem valores e interesses de um patrocinador pagão. A tradução de Jerônimo do hebraico ao latim torna-se a versão da Bíblia empregada ao longo do período medieval. O sucesso da versão se deve ao emprego de estratégias tradutórias como latinizar traços característicos do texto hebraico, latinizar os nomes judaicos, conferir caráter messiânico ou cristão a grande número de passagens, e também a prefácios e cartas nos quais Jerônimo defende sua versão. Ele sabiamente apresenta sua versão como um complemento, não como um substituto, das versões existentes. A versão atua como apoio institucional para a Igreja, para defendê-la perante a sinagoga (instituição religiosa rival), que duvida da autoridade cultural do cristianismo.

Com esse exemplo, Venuti (1998b, p. 80) esclarece que as traduções podem alterar o funcionamento de instituições, pois estas se tornam permeáveis à introdução de materiais culturais diferentes ou incompatíveis com os textos oficiais. Ele sugere que somente quando as instituições regulam as práticas de tradução de modo muito rigoroso é que os deslocamentos causados por textos estrangeiros são evitados.

26

Uma ética da tradução

Venuti questiona a ética das identidades culturais formadas pela tradução, por meio de seus efeitos sociais de amplo alcance. Ele se apoia no conceito de ética da tradução de Antoine Berman, que preconiza que a má tradução é etnocêntrica, pois nega a estranheza da obra estrangeira, e que a boa tradução permite o diálogo, o descentramento e o registro da estrangeiridade do texto estrangeiro (VENUTI, 1998a, p. 195).

A tradução é uma interpretação do texto estrangeiro que sofre variações segundo situações culturais e históricas. A cultura doméstica possui cânones de precisão articulados e etnocêntricos. Para Venuti, um projeto não etnocêntrico de tradução deve considerar os interesses de vários grupos representativos não dominantes na cultura doméstica; deve considerar a cultura original do texto estrangeiro; deve alterar a reprodução de ideologias domésticas dominantes que marginalizam outros grupos sociais representativos domésticos.

Porém, quando esse projeto estabelece um novo paradigma, ele pode vir a tornar-se etnocêntrico e dominante, pode então ser desbancado por projeto novo, que apresenta nova versão do texto estrangeiro para um novo grupo.

Venuti conclui afirmando que a tradução rigorosamente não etnocêntrica subverte ideologias e instituições domésticas, forma identidade cultural crítica e revisa constantemente a relação entre a cultura doméstica e a estrangeira, desenvolve projetos de tradução baseados em avaliações mutantes, que são ininteligíveis e desestabilizam as funções das instituições domésticas. No entanto, por permitir abertura às diferenças culturais, esses projetos compensam os riscos (VENUTI, 1998a, p. 198).

Uma contribuição brasileira aos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio

O resumo do texto de Venuti ora apresentado serve de apoio para o tema de pesquisa de mestrado em Estudos da Tradução a ser desenvolvido pela autora deste artigo, intitulado “A Tradução no Serviço Público Federal: o perfil do tradutor na Presidência da República Federativa do Brasil”.

Como exemplo da permeabilidade que as fronteiras da referida instituição possuem, verifica-se a influência da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre as ações presidenciais. No ano 2000, a ONU estabeleceu os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM Brasil, 2000). São oito ações para melhorar o mundo até 2015, a saber:

1. Acabar com a fome e a miséria;
2. Oferecer educação básica de qualidade para todos;
3. Promover a igualdade entre sexos e a autonomia das mulheres;
4. Reduzir a mortalidade infantil;
5. Melhorar a saúde das gestantes;
6. Combater a Aids, a malária e outras doenças;
7. Garantir qualidade de vida e respeito ao meio ambiente;
8. Estabelecer parcerias para o desenvolvimento.

O Brasil é uma das nações que participa ativamente dessas ações. O tema do objetivo nº 1 - “acabar com a fome e a miséria” - foi abordado diretamente pela Presidência da República, em 2003, por meio do Programa Fome Zero e entrou no discurso presidencial com grande força.

No discurso do então Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva no Fórum Econômico Mundial, em Davos, Suíça, em 26 de janeiro de 2003 (SILVA, 2003b), o termo

“fome” aparece oito vezes. No discurso por ele proferido na abertura da 58ª Assembleia Geral da ONU, em Nova Iorque, EUA, em 23 de setembro de 2003 (SILVA, 2003a), a palavra “fome” aparece 15 vezes, e a expressão “Programa Fome Zero” aparece três vezes.

Esses discursos foram traduzidos para vários idiomas e o Brasil entrou no cenário internacional de modo positivo, por seu interesse em cumprir o primeiro dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio. Muitos representantes de países interessados no tema vieram ao Brasil nos anos de 2003 e 2004 para conhecer o Programa Fome Zero e os seus efeitos na população. A tradução dos documentos do programa foi difundida no mundo todo e causou modificações institucionais em países como Honduras, Peru, Venezuela, Guatemala e Panamá. A imprensa brasileira difundiu, então, que o Brasil havia colocado a fome no centro das discussões de pautas internacionais.

É pertinente mencionar que o Programa Fome Zero do governo federal teve origem no Projeto Fome Zero (2001), estruturado e implantado pelo Instituto Cidadania e anunciado à sociedade em outubro de 2001. A expressão “fome zero” perdurou e atravessou uma década.

Em 21 de junho de 2012, a ONU lançou o programa mundial de combate à fome, o “Desafio Fome Zero”. A Organização participou da Expo Milano 2015 com o tema “Desafio Fome Zero - Unidos por um Mundo Sustentável” (EXPO MILANO 2015, 2015). Manteve-se, inclusive em nível internacional, a expressão “Fome Zero”.

Observe-se que os países que participam dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio recebem recursos financeiros da ONU, por meio do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), para alcançarem as metas. Assim, há um patrocinador de programas e projetos, que apoia os países em suas ações.

Se os ensinamentos de Venuti (1998a) forem considerados, poder-se-á dizer que a tradução de toda a documentação referente à erradicação da fome no mundo, difundida entre instituições internacionais similares, como chefias de governos e de estados, e entre instituições e grupos culturais domésticos específicos influencia comportamentos e forma identidades culturais.

A escolha do texto e a autoria da tradução

O texto de Venuti (1998a) serve de amparo à futura dissertação também de modo contrastivo, no tocante às questões da escolha do texto a traduzir e da menção de autoria da tradução.

Na Presidência da República, o tradutor não tem liberdade para selecionar o texto que traduzirá e tampouco tem seu nome mencionado como autor de tradução publicada pela instituição.

Invariavelmente, trata-se de traduzir textos técnicos a serviço da instituição, do estado ou do governo, os quais estão sujeitos a contextos internacionais imperativos, refletidos nas relações diplomáticas e nos acordos comerciais, por exemplo. As traduções são de autoria institucional, como ocorre em órgãos internacionais como toda a família ONU, o Mercosul, a Alca, entre outros.

Depreende-se, assim, que nesses casos o tradutor se faz presente não pela escolha do texto a traduzir, nem por ter seu nome inscrito nas publicações, mas pela tradução que realizou. E isso não é pouco.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTOTLE. **The Poetics**. Tradução de Ingram Bywater. Oxford, 1920. parte 1. Disponível em: <[https://en.wikisource.org/wiki/Poetics_\(Bywater\)/1](https://en.wikisource.org/wiki/Poetics_(Bywater)/1)>. Acesso em: 18 ago. 2015.

EXPO MILANO 2015. **The Zero Hunger Challenge**: united for a sustainable world. The United Nations, 2015. Disponível em <<http://www.expo2015.org/en/the-united-nations>>. Acesso em: 18 ago. 2015.

FOWLER, Edward. Rendering words, traversing cultures: on the art and politics of translating modern japanese fiction. **Journal of Japanese Studies**, vol. 18, n. 1, p. 1-44, 1992. Disponível em: <http://isites.harvard.edu/fs/docs/icb.topic84305.files/Required_Readings/fowler.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2015.

JONES, John. **On Aristotle and Greek Tragedy**. Stanford: Stanford University Press, 1980. p. 19-20. Disponível em <https://books.google.com.br/books/about/On_Aristotle_and_Greek_Tragedy.html?id=uTesA AAAIAAJ&redir_esc=y>. Acesso em: 18 ago. 2015.

ODM Brasil. Os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio. 2000. Disponível em: <<http://www.odmbrasil.gov.br/os-objetivos-de-desenvolvimento-do-milenio>>. Acesso em: 18 ago. 2015.

PROJETO FOME ZERO: UMA PROPOSTA DE POLÍTICA DE SEGURANÇA ALIMENTAR PARA O BRASIL. Instituto Cidadania, out. 2001. Disponível em: <http://www1.uol.com.br/fernandorodrigues/011017/doc_sintese.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2015.

SILVA, Luiz Inácio Lula da. **Discurso na abertura da 58ª Assembleia Geral das Nações Unidas**. Nova Iorque, 2003a. Disponível em <<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/ex-presidentes/luiz-inacio-lula-da-silva/discursos/1o-mandato/pdfs-2003/2o-semester/23-09-2003-discurso-do-presidente-da-republica-luiz-inacio-lula-da-silva-na-abertura-da-58a-assembleia-geral-da-onu/view>>. Acesso em: 18 ago. 2015.

_____. **Discurso no XXXIII Fórum Econômico Mundial**. Davos, 2003b. Disponível em: <<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/ex-presidentes/luiz-inacio-lula-da-silva/discursos/1o-mandato/pdfs-2003/1o-semester/26-01-2003-discurso-do-presidente-da-republica-luiz-inacio-lula-da-silva-no-xxxiii-forum-economico-mundial/view>>. Acesso em: 18 ago. 2015.

VENUTI, L. A tradução e a formação de identidades culturais. Tradução de Lenita R. Esteves. In: SIGNORINI, Inês (org.). **Língua(gem) e identidade**. Campinas: Mercado de Letras, 1998a. cap. 3, p. 173-200.

_____. **The Scandals of Translation: towards an ethics of difference**. London: Routledge, 1998b. cap. 4, p. 69-70.

ⁱ Gisele Noce: Bacharel em Direito (1983) pelo Centro Universitário de Brasília (UniCEUB). Especialista em Ensino de Línguas Estrangeiras Modernas (2003) pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Especialista em Tradução de Espanhol (2012) pela Universidade Gama Filho. Foi tradutora na Presidência da República Federativa do Brasil de 2003 a 2015. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/6742849469937097>. Acesso em: 27 out. 2016.

RECEBIDO EM: 6 de outubro de 2016

ACEITO EM: 26 de outubro de 2016